



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

**CULTURA E SOLIDARIEDADE
RELAÇÕES DE SOBREVIVÊNCIA NO DISTRITO DO PRADOSO**

Márcia Brito Nery Alves⁷¹
(UESB)

Carley Rodrigues Alves⁷²
(UEBS)

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar os processos culturais que caracterizam os sertanejos do distrito do Pradoso, articulando os conceitos de gênero de vida e de espaço vivido. Para tanto, fundamentado nas contribuições de Yi-Fu Tuan, numa perspectiva fenomenológica. O estudo parte de observações realizadas enquanto docente no Circulo Escolar do distrito do Pradoso. A fim de explicitar as diferentes formas de manifestação da cultura popular ainda presentes no distrito, diante de um quadro atual de intensas modificações e processos complexos a que fragmentam a cultura, busca-se analisar as forças culturais que atuam no presente e que atuaram no passado. O artigo faz um balanço das manifestações culturais e práticas sociais do distrito, no sentido de valorizar as atividades culturais em prol da preservação e manutenção de suas tradições e identidade, diante do processo homogeneizador e excludente da globalização.

INTRODUÇÃO

O grau de isolamento dos lugares é um fator que pode condicionar a formação de uma identidade cultural. Pensar em isolamento conduz a um raciocínio lógico que leva invariavelmente a considerar um estágio anterior ao isolamento, ou seja, as concentrações de populações primitivas que progressivamente se dispersariam para dar origem a grupos isolados. Seguindo este raciocínio, a alternância entre situações de isolamento e aproximação faz

⁷¹ Prof^a.da Rede Municipal de Educação de Vitória da Conquista-Ba. Mestranda em Geografia no NPGE0, da UFS.

⁷² Prof. Assistente do Depto. de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFRN – pesquisador do Grupo de Estudos da Complexidade – GRECOM.

parte de uma mesma conjuntura que permitiu e vem permitindo a dispersão e a fixação do homem sobre os mais diversos domínios naturais da superfície do planeta. A situação de isolamento permitiu que os gêneros de vida se desenvolvessem fruto de uma construção de possibilidades de coexistência nas relações e percepção do homem com o seu meio. Segundo Tuan (1980, p. 69.) a cultura pode influenciar a percepção, de maneira que uma pessoa possa ver coisas que outras pessoas ou a maioria não vejam. A evolução antropológica das culturas, a diferenciação de papéis entre homens e mulheres, e muitos outros elementos, permitiram variações e novos olhares sobre aspectos do meio, traduzidos em atitudes também diferenciadas.

A zona rural no Nordeste tem uma lógica de desenvolvimento singular. Ela resulta uma configuração própria da sociedade local, sem retirar sua cultura. Não é possível pensar no local pensando-se somente em sociedade se não se pensar em humanidade. Se as culturas são sistêmicas é porque elas estão ligadas do local para o global. Culturas frágeis podem sucumbir frente a elementos culturais mais massivos.

Segundo Almeida e Vargas (1998), para se responder questionamentos dessa natureza, faz-se necessário analisar as questões da identidade. A busca pela compreensão e análise de elementos fundamentais da dimensão cultural que forja a relação do sertanejo com a caatinga poderia ser um começo. Este tendo a preocupação de caracterizar a cultura, história, sociedade, dinâmica familiar e relações do homem com o meio. Existe algo de misterioso no solo, mas não o solo em si, ou seja, o solo a partir de suas propriedades químicas e biológicas de fertilidade, o solo enquanto recurso, mas, sobretudo, um encantamento que faz com que o homem do campo estabeleça todo um diálogo com a natureza retirando dela o “seu ganha pão”. Esbarramos na sobrevivência do homem, na possibilidade de manutenção da vida. O que seria necessário estabelecer e consolidar laços de compromisso entre a política, a sociedade e a natureza.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

A dimensão cultural, neste estudo, é o ponto de partida para uma análise das possibilidades de continuar havendo identidades culturais estáveis, ou, no mínimo, levanta uma questão sutil que aponta para uma discussão de possibilidades de se imaginar as identidades culturais enquanto sistemas frágeis, ou, até mesmo, sob ameaça de extinção. A percepção do espaço local e as modificações atribuídas pelo homem, de acordo com as suas necessidades, evidenciam uma série de antagonismos, simultaneamente, causa e consequência de uma complexidade conjuntural.

Neste intuito, busca-se entender qual é a lógica dos mecanismos de resistência, existentes em comunidades rurais, frente aos efeitos excludentes do processo de globalização recente. Para tanto, pretende-se compreender a solidariedade enquanto uma lógica complementar baseada na sobrevivência. O Pradoso é uma comunidade onde os esquemas de produção e de consumo não são freqüentemente capitalistas. A cultura, por conseguinte, se faz presente enquanto conjunto de conhecimentos estratégicos caracterizados nos saberes da tradição, que, ao longo de um processo histórico, experimentados pelo cotidiano das relações do homem com o meio, tornaram e tem tornado possível, a cada dia, a existência e a sobrevivência dessas populações, no semi-árido baiano.

Os traços que caracterizam as pessoas são tão numerosos que somente uma parte é retida para definir a identidade. Mas a identidade, uma vez definida, contribui para fixar a constelação de traços que ela reteve e subtraí-los dos desgastes do tempo. Segundo Tuan (1980, p.59) quando o individuo passa a ter:

A preferência por um meio ambiente austero, despido como o deserto ou a cela de um monge, é contrária ao anseio humano comum de facilidade e abundância. No entanto, sabe-se que as pessoas tem repetidamente procurado o selvagem para escapar não só da corrupção, como da luxúria voluptuosa da vida da cidade. O anseio

pela simplicidade, quando transcende as normas sociais e requer o abandono dos bens materiais, é um sintoma de preconceito bem profundo; este anseio conduz a um comportamento que não pode se explicado somente pelos valores culturais da época.

Seria então a idéia de que a identidade deve ser analisada como um discurso que os grupos têm sobre eles mesmos e sobre os outros, para dar um sentido à sua existência. Este se apóia sobre traços bem reais da vida material, da organização social e do universo dos valores da coletividade, mas é uma construção, por natureza, arbitrária. Isto explica que os termos aos quais ela recorre sejam sempre impostos pelos outros e interiorizados e valorizados como desafio.

Tuan ressalta ainda que *o estilo de vida de um povo é a soma de suas atividades econômicas, sociais e ultraterrenas*. São essas relações culturais que irão moldar os lugares, dando forma, caracterizando, usufruto do conhecimento, estabelecidos entre o homem e a natureza. Raciocínio que nos leva a refletir, como Castells (1999, p. 447, 448-449), o lugar como *um local cuja forma, função e significado são independentes dentro das fronteiras da contigüidade, [...] um espaço interativo significativo, com uma diversidade de usos e ampla gama de funções e expressões*. Cria assim uma singularidade, um modo de ser e de agir. Percebe-se que a cultura é de fundamental importância na compreensão da disposição dos objetos físicos sobre o espaço vivido, assim definido:

[...] O “espaço vivido”, em toda sua espessura e complexidade, aparece assim como o revelador das realidades regionais; estas têm certamente componentes administrativos, históricos, ecológicos, econômicos, mas também, e mais profundamente, psicológicos. A região não é pois um objecto com realidade em si, tal como o geógrafo ou qualquer outro especialista não são analistas objectivos de um universo como que exterior ao próprio observador, do mesmo modo que a psicologia dos homens se não poderia reduzir a uma racionalidade dos interesses



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

econômicos ou das adaptações ecológicas. A região, se existe, é um espaço vivido. Vista, apreendida, sentida, anulada ou rejeitada, modelada pelos homens e projectando neles imagens que os modelam. É um reflexo. Redescobrir a região é pois procurar captá-la onde ela existe, vista pelos homens. (FRÉMONT, 1980, p.17).

Esta percepção se materializa através das formas de organização do trabalho, derivações nas dimensões social, econômica e ambiental que, quando conjugados, permite definir identidades culturais entre realidades distintas.

Segundo Andrade (1986, p.05), a problemática da vida no campo é impar.

No campo, observa-se a existência de relações de trabalho bastante diversificadas de uma área para outra, de uma região ou sub-região para outra, caracterizando-se principalmente pela valorização das relações de bafetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente.

É necessário compreender até que ponto o sistema capitalista é responsável pela destruição de relações históricas que foram sendo produzidas no campo, numa trajetória de interferência em padrões complexos materializados em dinâmicas singulares responsáveis por definição de identidades ricas advindas da relação homem x meio, a exemplo da relação, no semi-árido baiano, do catingueiro com a caatinga. Este tipo de relação produziu gêneros de vida que, ainda hoje, vêm resistindo às pressões do mundo globalizado, situando-se às margens do processo de reprodução do capital. Para Martins (1996), “O capitalismo, na sua expansão, não só redefine antigas relações, subordinando-as à reprodução do capital, mas também engendra relações não-capitalistas, igual e contraditoriamente necessárias a esta reprodução”.

É imprescindível analisar, nesta fase de evolução das formas de sobrevivência, a fragilidade com que as relações no campo são destruídas e o papel do Estado neoliberal, na tentativa de compreender processos que vão gerar conflitos sociais inerentes à luta pela terra. Assim, para Oliveira (1990, p.18), “Este



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

momento do desenvolvimento do capitalismo é fundamental para o campo, pois as bases para sua industrialização estão lançadas, e o capital, feito rolo compressor, tudo esmaga na rota da acumulação e da sua reprodução ampliada”.

É necessário para se compreender a organização do espaço em redes, entender e conhecer como se dão as relações de troca, de produção e circulação de produtos que são constituídos dentro e fora de uma unidade. Se essas relações não ocorrem de forma equilibrada como, por exemplo:

Quando as famílias compram mais produtos de consumo duráveis, sem que os seus rendimentos tenham aumentado, reduzem outras compras (o que traduz numa diminuição das vendas dos produtos agrícolas ou de produtos de consumo corrente) ou renunciam a poupar (o que limita as possibilidades de investimento e de crescimento do conjunto). (CLAVAL, 1987, p.303).

Esta é uma realidade vivenciada atualmente no distrito do Pradoso, onde a comunidade local vem incorporando costumes e produtos da realidade urbana de Vitória da Conquista, trazidos pelos meios de comunicação, pela viabilidade de circulação entre o distrito e a sede do município, pelas facilidades na hora da aquisição, enfim, pelas inúmeras facilidades proporcionadas pelo uso das redes. É fato que existe uma ordem no espaço no que diz respeito à localização dos produtores e dos consumidores, em que a distância é um fator determinante para as famílias, agricultores, comerciantes e outros que participam na prestação de serviços. No Pradoso, a lógica de estruturação espacial não foi diferente. Contam os mais velhos que desde quando se começou a produzir na localidade, quando não havia as formas modernas de escoamento, estradas e veículos, tudo era mais demorado, no entanto, as relações não deixavam de acontecer. Essas relações só irão se fortalecer com o maior acesso e as facilidades que as redes ofereceriam.

Neste sentido, Carlos afirma ainda que:



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

As comunicações diminuem as distâncias tornando o fluxo de informações contínuo e ininterrupto; com isso cada vez mais o local se constitui na sua relação numa rede de lugares. A primeira consequência é a necessidade de se relativizar a idéia de situação. É evidente que o lugar se define, inicialmente, como a identidade histórica que liga o homem ao local onde se processa a vida, mas cada vez mais a “situação” se vê influenciada, determinada, ou mesmo ameaçada, pelas relações do lugar com um espaço mais amplo. (CARLOS, 1996, p.29).

Mas um outro aspecto também passou a ser observado, o desequilíbrio entre os lugares, acentuando as diferenças e as desigualdades sociais na região.

Este resultante de externalidades advindas dessas relações que, muitas vezes, fogem do controle ou mesmo são inconscientes, involuntárias, mas que legitimam as desigualdades. Não que essas redes não sejam importantes, mas o local em si acaba por perder ou reconfigurar elementos de sua singularidade. Castells (2003) afirma que:

O espaço de fluxos não permeia toda a esfera da experiência humana na sociedade em rede. Sem dúvida a grande maioria das pessoas nas sociedades tradicionais, bem como nas desenvolvidas vive em lugares e, portanto, percebe seu espaço com base no lugar.

Um conflito que marca e perturba o modo de vida atual, se debruça sobre uma solidariedade orgânica e as formas de vida tecnológica. É notório que as redes na atual conjuntura em que vivemos têm um papel importante, que perpassam a análise das relações humanas com a urbanização. A diferenciação das relações crescentes nas cidades, com a divisão territorial, com a exclusão social e modernização econômica, com a concentração seletiva dos potenciais de crescimento. A ilusão criada com a globalização faz com que, progressivamente,



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

haja uma ruptura de vínculos com os espaços de origem. Nossas raízes vão se perdendo, perde-se a própria noção de terra natal, nossas realidades cotidianas, passando a uma nova ordem de relacionamentos regidos por conexões com novos sistemas, outras realidades que não necessariamente nos pertence em nome de uma conexão com o mundo distante convertido, por meio da tecnologia, em totalidade virtual imediata. Metaforicamente, na atualidade, podemos ser considerados fios de uma rede. As relações, tecidas nesta, vêm dominando várias formas de vida, cristalizando tecnologias, experiências sócio-culturais que surgiram espontaneamente. Vivemos num mundo globalizado trágico e a vida é um bem coletivo. A cada um resta um esforço de autoconscientização e de conscientização do próximo, objetivando impedir a legitimação das desigualdades que se perpetuam. A heterogeneidade das culturas faz com que as sociedades criem resistências, enquanto mecanismos da singularidade que vão de encontro às imposições desse movimento globalizante e arrasador que se estabelece.

Dias (1995, p.149) afirma que a análise das redes implica em abordagens que não comportam tratamento isolado, mas procura encontrar as formas e os conteúdos das relações. Exemplos como a urbanização, a divisão territorial do trabalho e a diferenciação crescente que as redes introduziram entre as cidades, ao passo em que reforçam a tese de complexidade introduzida pelas redes, destacam enquanto valioso instrumento para a compreensão da dinâmica territorial brasileira. A autora traça um histórico do conceito de rede, desde a concepção mais singular, a do dicionário, que traz o conceito de rede com o ato de dar nós, em fios que se unem até os sentidos atribuídos à rede em diferentes contextos, político, econômico, histórico e cultural.

A rede poderia aparecer como instrumento que viabiliza exatamente essas duas estratégias: circular e comunicar. A rede poderia aparecer como instrumento que viabilizasse exatamente essas relações, fazendo-as circular e comunicar. Estas

se adaptariam às variações do espaço e às mudanças que advêm no tempo. Claval (1987, p.305) continua por ilustrar, o papel das redes como instrumento de poder:

Os poderes centrais se dedicam, agora, mais à mobilidade das idéias e das ordens do que àquela das pessoas... Os fluxos pressupõem a existência das redes. A primeira propriedade das redes é a conexidade [...] Mas ao mesmo tempo em que tem o potencial de solidarizar, de conectar, também tem de excluir. Nunca lidamos com uma rede máxima, com o todo, com a rede resultante da manifestação das coações técnicas, econômicas e políticas.

Por outro lado, a tradição existe e esta é específica de um dado momento, a uma dada população, que pode ser incorporada pelas populações futuras, sendo mantidas ou modificadas. Giddens (2000) lembra que a idéia de tradição é uma criação da modernidade, sendo a globalização responsável pela sobreposição de culturas, fazendo com que os costumes alhures sejam absorvidos e incorporados.

É imprescindível analisar, nesta fase de evolução do modo de produção capitalista, a fragilidade com que as relações no campo são destruídas e o papel do estado neoliberal, na tentativa de compreender processos que vão gerar conflitos sociais inerentes à luta pela terra. Carlos (1996, p.27) questiona como então se encontra o lugar na era da globalização, onde a anulação do espaço e o *fim do estado-nação* estão em xeque, diante do constante desenvolvimento tecnológico, suscitando uma nova discussão da natureza do espaço. O tempo-espaço é relativo, as comunicações diminuem as distancias e o lugar redefine suas relações agora numa relação com a rede.

Dessa forma, o resgate destes gêneros de vida poderá significar também uma reintrodução de antigos conceitos da geografia clássica, na perspectiva de valorização de fatores que ajudariam o homem a manter suas raízes. Carlos (1996, p.29) afirma que:



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

O lugar é produto das relações humanas, entre o homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida.

Em o “Poder da Identidade”, Castells (2000), aborda a questão da identidade de resistência, que é criada por atores que se encontra em posições e condições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos.

Santos afirma que as redes constituem uma realidade nova e, de alguma maneira, justificam a expressão de verticalidade. Mas além das redes, antes das redes, apesar das redes, depois das redes, com as redes, há o espaço banal, o espaço de todos, todo o espaço, porque as redes constituem apenas uma parte do espaço e o espaço de alguns. Da sociedade local para sociedade global ou vice versa.

A cultura seria também numa possibilidade de coesão da sociedade num ponto do espaço. As formas como as redes se organizam num determinado território produz um tipo singular de arranjo de rede relativas às qualidades daquele território. As redes acabam por agregar valor ao território e, por *feedback*, este imprime uma marca cultural importante na rede. Castells (1999, p.84.) acredita que as comunidades locais são construídas por meio da ação coletiva e preservadas pela memória coletiva, constituindo assim fontes defensivas contra as condições impostas pela desordem global e pelas transformações, incontroláveis, em ritmo acelerado, constituindo assim abrigos e não paraísos.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

No distrito do Pradoso, principalmente no cotidiano escolar, atuando enquanto docente do Círculo Escolar, foi possível verificar na *práxis* pedagógica a ausência de ações mais efetivas junto à comunidade estudantil nas questões relacionadas ao meio ambiente e à qualidade de vida no Distrito. A percepção do espaço local e as modificações atribuídas pelo homem de acordo as suas necessidades evidenciam uma série de antagonismos, simultaneamente causa e consequência de uma complexidade conjuntural e estrutural. É necessário reconhecer as múltiplas realidades que o Distrito do Pradoso vivencia, com o intuito de reconhecer as potencialidades e fragilidades do lugar. A análise das atividades econômicas tradicionais e as mais recentes e suas implicações sobre os sistemas humanos e naturais, se mostra necessária na construção de um perfil sócio-cultural revelador de territorialidades. A tentativa de estabelecer um contraponto com o modo de produção capitalista, procurando bases de argumentação na interface da fenomenologia com o materialismo histórico dialético, objetivando redescobrir o papel do conceito de gênero de vida na explicação geográfica dos padrões de organização e dinâmica dos espaços regionais.

Este se deu num dado momento em que a prática pedagógica se fez necessária. Fatos cotidianos despertaram-nos a vontade de conhecer melhor a localidade, os costumes, as vivências que se intensificaram com o aumento da jornada pedagógica de vinte para quarenta horas semanais, o que implicava uma permanência maior na localidade. Pois bem, entre um intervalo de turno e outro, saímos, alguns professores, para conhecer as famílias de alguns alunos que sempre faziam o convite para tomar um café, que vinha acompanhado com biscoito, beiju, farinha de tapioca, bolo de mandioca, bolo de puba, dentre outras delícias de derivados da mandioca. A cada convite aceito, uma amizade realizada. Era nestes encontros que o contato com realidades e costumes, diferenciados daqueles da vida urbana do município de Vitória da Conquista, nos chamavam a atenção. O sentimento de solidariedade se fazia mais pertinente, nas reuniões da associação de



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

moradores, na associação de pequenos produtores rurais, na associação de pais e mestres, nas rezas, enfim, nas relações diárias ali travadas. A solidariedade passou a ser observada também nas práticas cotidianas escolares, nos trabalhos, feiras e gincanas, festas comemorativas com outros eventos. Fato que os caracterizavam e os diferenciavam dos demais costumes do município de Vitória da Conquista.

O Distrito do Pradoso está localizado numa zona de transição, entre o fim da mata de cipó e os traços marcantes do ício da caatinga, do semi-árido baiano. O sertanejo do Pradoso vem criando mecanismos para sobreviver às dificuldades impostas pela estiagem ao longo de algumas décadas. A vegetação nativa do distrito é muito restrita, mas ainda são observadas, em pontos isolados, árvores de pequeno porte, cipós, gameleiras, mandacarus e espinhosos, que são predominantes da caatinga. Apesar de apresentar dificuldades aparentes em relação ao acesso à água, o potencial hídrico do Pradoso é significativo. Existem dois riachos, com as suas nascentes no Distrito, que abastecem os dois povoados, o riacho dos Quatis - que abasteceu até bem pouco tempo o povoado de Iguá - e o riacho da Gameleira, que ao longo de seu curso, irriga várias propriedades de pequeno porte no cultivo de hortaliças e verduras até chegar ao distrito de Batepé. Na realidade, água tem no distrito, o que falta é planejamento na distribuição correta no sistema de abastecimento. Até janeiro de 2004, 95% das residências utilizava-se de cisternas. Porém, durante o período de estiagem, a diminuição do nível de água no lençol freático levava a uma escassez, e o abastecimento, muitas vezes, era realizado por carros-pipas. Sem falar dos lagos, lagoas e alagados de tamanhos diferenciados espalhados pelo distrito. Estes estão sendo assoreados, poluídos e devastados pelas atividades extrativas das olarias e poluídas pelas casas de farinha que canalizam a manipueira para as lagoas e, até mesmo, para a nascente do riacho dos Quatis.

É na agricultura, que os sertanejos tiram parte do sustento da família, envolvendo, quando não todos, mas uma grande maioria dos seus membros nessa



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

atividade. A grande maioria é de subsistência, sendo a outra parte da produção direcionada para a atividade comercial, como o plantio da mandioca, e esta para produção de farinha e da goma. Estuda-se atualmente a formação de uma cooperativa visando um direcionamento da produção de mandioca para a fécula, já que as casas de farinha não têm dado um retorno financeiro significativo aos pequenos produtores. Como é a mandioca resistente a períodos longos de estiagem, fato que caracteriza a localidade, parte da produção é voltada para este plantio. Existe, no distrito, uma certa vocação para a fabricação de produtos derivados, como a goma fresca, usada no preparo de beiju, doce, salgado recheado, tapioca; a goma doce, no preparo de sequilhos os mais variados possíveis; a goma azeda, para se fazer os biscoitos avoador e chimango, que são produzidos nas fabriquetas de fundo de quintal. A puba é outro derivado da manipulação da mandioca que é utilizada e comercializada, tanto fresca, quanto seca e é base para bolos, biscoitos, mingaus e cuscuz. As casas de farinhas não perderam suas funções de fabricação da tradicional farinha, mas as variedades de produtos derivados da mandioca diversificaram a produção local. Mesmo dedicando-se à produção da mandioca na região, outros produtos são cultivados nos períodos de chuva. Dentre estes, se destacam: o milho, o feijão de corda e o feijão de arranque, o andu, as hortaliças, verduras e plantas medicinais. Esse plantio é utilizado tanto para consumo próprio, para troca - atividade relativamente muito praticada na localidade - como para o comércio nas feiras livres dos municípios de Vitória da Conquista, de Barra do Choça, do Tremedal, do Anagé, dentre outros. Essa comercialização não se configura de forma sistemática e periódica, fato que é impossibilitado nos períodos de estiagem prolongada. Assim, o pequeno produtor se vê obrigado a deixar temporariamente a sua terra e vai trabalhar nas olarias locais, outras terras, casas de famílias, feiras livres, em suma, se aventurar nas mais variadas formas de trabalho, na tentativa de se manter e manter a família.

Outra atividade que é praticada no distrito, desde o início de sua formação, com a chegada dos primeiros moradores, é a extração e exploração da argila, para a fabricação de tijolos. Razão pela qual se verifica uma degradação substancial da vegetação nativa, nascente e leito de riachos. A areia e argila que são extraídas de forma artesanal e sem um monitoramento, formam verdadeiras crateras no solo.

Este se torna inviabilizado para o plantio, fato que favorece o empobrecimento do solo e poluição do lençol freático. Em sua grande maioria, esses buracos acabam sendo depósito de manipueira e tanques que são preenchidos na época das águas e utilizados para criação de peixes e, ao mesmo tempo, para consumo doméstico e para bebedouros de animais, que acabam disputando espaço com crianças e adolescentes que vão pescar, brincar ou mesmo utilizar essa água para o consumo doméstico. Essas atividades, apesar de terem incorporado alguma tecnologia na produção, guardam ainda tradições artesanais.

Pode-se observar que, parte dos jovens, repete as práticas dos mais antigos e perpetuam a tradição. De certa forma, não por interesse próprio, mas uma necessidade de sobrevivência.

As pensões, aposentadorias e outros benefícios concedidos por programas do governo federal, são outra fonte de renda que também se fazem presentes.

Trata-se de uma comunidade de baixo poder aquisitivo, encaixando-se no perfil dos programas de assistência social, de forma que essas atividades vão dar uma configuração sócio-espacial, econômica e cultural singular à localidade estudada.

É comum a troca de produtos entre os sertanejos sem, necessariamente, utilizar-se o dinheiro como instrumento de aquisição ou pagamento de produtos ou serviços. O dia de trabalho pode ser pago como parte do que é produzido, seja na casa de farinha, na olaria, no campo ou mesmo a troca de pasto, em tempos distintos, em função da viabilização de alimento para o gado. De maneira que as relações de solidariedade se fazem constantemente presentes e atuantes.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Os meses que antecedem as chuvas são de muitas expectativas e a comunidade se reúne nas casas para a realização das rezas para pedir a Nossa Senhora Aparecida que mande a chuva tão esperada, durante a estiagem que castiga o sertanejo. Essas reuniões se dão de forma sistematizada. A primeira reza em uma família se dá na casa da matriarca e, na seqüência, os filhos realizam cada um a sua vez. E todos que estiverem presentes na primeira reza ficam convidados a participarem das demais, que se seguem o que irá depender do número de filhos que a matriarca possui. As orações podem variar de horário, podendo acontecer pela manhã, seguida de um café no final da manhã, seguida de um almoço e, no início da noite, seguida de um café bem reforçado. Geralmente é montado um altar na sala, e a dona da casa, auxiliada por uma pessoa da comunidade ligada à igreja, direcionam a ladainha. As mulheres e as crianças permanecem no local das orações e os homens se prostram aos derredores, também concentrados e acompanhando as ladainhas e cantos. Essas reuniões, em sua grande maioria, são momentos encontro familiar, com amigos e parentes que canalizam suas atenções para a espera dos meses de novembro, dezembro e janeiro, quando a chuva irá permitir ou não, uma boa colheita, garantindo a fartura. O mês de outubro é repleto de rezas, tendo o seu ápice no dia 12, com a realização da missa e da procissão que percorre boa parte das ruas do distrito. Nos meses que se seguem, as atenções se direcionam para os anciãos, que passam a interpretar os sinais da natureza que possam indicar a chegada da chuva. Ao chegar as primeiras chuvas, toda uma previsão do futuro próximo, os três meses que se seguem, já pode ser feita. Se a tanajura sair e o sol a derrubar, não são bons sinais, mas se a chuva derruba-lhe as asas, pode-se começar a preparar a terra, que o feijão de corda vai enramar e as muitas flores vages vão vingar. O sertanejo terá alguns meses de alegria, água, fartura e a esperança de um próximo outubro voltar a chover, para sua terra ver florescer.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

CONCLUSÕES

Neste estudo, pretendeu-se contribuir com aportes teóricos e metodológicos da Fenomenologia, pesquisando, por novas formas de leituras, sobre as comunidades rurais, a partir da figura do sertanejo. Destacou-se a importância da Fenomenologia para os estudos teóricos sobre identidade cultural, frente ao processo de globalização atual. Entendemos que o referido estudo é um importante subsídio para os estudos da Geografia da Cultura, com um direcionamento na investigação do mundo vivido e percebido pelos moradores de comunidades rurais, que, em formas diversas, se isolam ou se refugiam no espaço.

Novos olhares criam e recriam novas paisagens, invisíveis aos nossos olhos, mas que são reveladas através das experiências e vivências dos moradores, permitindo decodificar e perceber os elementos, signos e essências que proporcionam uma melhor compreensão do espaço rural.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda. **Geografia cultural e geógrafos culturalistas: uma leitura francesa**. In: Anais do XX Encontro Nacional da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Presidente Prudente: AGB, 1992
- ALMEIDA M. G. e VARGAS. M. A.M. **A dimensão cultural do sertão sergipano**. In: **DINIZ, J. A. F. e FRANÇA (Orgs.). Capítulos de Geografia Nordestina**. Aracaju: NPGeo/UFS, 1998. pp.113-114
- ANDRADE, Manuel Correia. **Lutas camponesas no nordeste**. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1986.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

- CARLOS, A. F.A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo. Hucitec, 1996.
- CASTELLS, Manuel. (1999): **A Sociedade em Rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, São Paulo, 2000.
- CASTELLS, Manuel. **O espaço de fluxos**, In **A sociedade em rede**, ed. Paz e Terra, São Paulo, 7 ed., 2003.
- CLAVAL, Paul. **Geografia do Homem. Cultura-Economia-Sociedade**. Coimbra: Livraria Almedina. 1987.
- DIAS, Leila Christina, **Redes: Emergência e Organização**. In: CASTRO Iná Elias et al. (Orgs) **Geografia: Conceitos e Temas**, Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1995.
- FRÉMONT, A. **A região, Espaço Vivido**. Coimbra: Almadina, 1980.
- GIDDENS, A. **Mundo em Descontrole**. Rio de Janeiro: Record. 2000.
- HOLZER, Werther. **A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel**. In: Rosendahl, Z. et al. (Orgs) **Matrizes da Geografia Cultural**, ed. UERJ, Rio de Janeiro, 2001, pp.103-122.
- MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A geografia das lutas no campo**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1990
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo : Hucitec, 1996.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar. A perspectiva da Experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Difiel, São Paulo. 1983.
- _____. **Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. Difel, São Paulo. 1980.